

Declaração da Plenária do V Congresso Iberoamericano de Educação Ambiental sobre Universidade e o Meio Ambiente.

Reconhecemos o papel fundamental das nossas universidades na configuração de nossos países e na conformação dos seus intelectuais.

Reafirmamos a importância das universidades públicas latinoamericanas como espaços de capilaridade social, de crítica e de construção de alternativas, apontando, contudo, sua dificuldade em reconhecer o pensamento próprio Latinoamericano e para vincular-se às lutas sociais que têm permitido o avanço de nossos povos, assim como certa indiferença com relação ao entorno socioambiental no qual se encontram situadas.

Este pensar incessante sobre o significado do conhecimento das demandas sociais tem se confrontado insistentemente com um sistema de organização disciplinar que, mesmo que tenha tentado responder à crescente especialização, terminou desenvolvendo sistemas altamente refratários ao intercâmbio e à colaboração de diferentes saberes, fragmentando e simplificando experiências e soluções que exigem outras abordagens epistemológicas, outras opções metodológicas, outras formas de avaliação das iniciativas em construção neste sentido.

Estas restrições organizacionais (institucionais, curriculares e de avaliação) isolaram a universidade da sociedade, condenando-a a uma apatia interna e abandonando-a a uma cultura corporativa que resiste a internalizar a emergência do novo, da criatividade e de novas alianças entre saberes.

Urge portanto desenvolver novas capilaridades internas e externas à universidade, capazes de ampliar e apontar em direção a outras dimensões cognitivas e organizacionais, como um sistema aberto, sem centro nem fronteiras.

Desde um ponto de vista epistemológico, pensar e produzir conhecimento em uma perspectiva socioambiental implica reconceitualizar o conceito da vida à luz de uma nova aliança entre natureza, ciência e saberes culturalmente arraigados, o que envolve um resgate da ética para saber cuidar e saber escolher as melhores condições de vida no planeta e no universo.

Na perspectiva das organizações sociais, a universidade deverá priorizar e promover pesquisas, grades curriculares e intervenções interativas com a sociedade que traduzam essas novas orientações epistemológicas, metodológicas e sociopolíticas, capazes de novos consórcios entre práticas materiais, processos de apropriação da matéria e novas interações simbólicas entre cultura e natureza.

Sonhamos e cre-mos possível com uma universidade comprometida com seu enraizamento local e regional para revalorizar os intercâmbios nacionais, universais, multi, inter e transculturais, uma universidade plural, multi, inter e transcêntrica, apoiada em uma nova pedagogia autoavaliativa e interativa de suas práticas, capaz de contribuir substantivamente na construção de uma nova aproximação civilizatória: inter, multi e transcultural. Reivindicamos uma universidade que busque novas associações com o local,

o regional, o nacional e o transnacional para viabilizar e sustentar essa nova epistemologia acadêmica; que incorpore em sua identidade institucional os princípios da revalorização e democratização dos saberes acerca da natureza e a cultura de cada grupo social, povo, nação, revitalizando-os e contribuindo para fortalecer suas especificidades.

A partir dessas premissas, consideramos necessário re-configurar nossas instituições acadêmicas nas seguintes perspectivas:

- gerar espaços de reflexão sobre sua própria identidade e o necessário aporte da sociedade à qual devem sua existência;
- reconstruir formas de produção de conhecimento para que estas tenham pertinência cultural; valorização de nossa memória histórica; abertura ao diálogo de saberes; reconhecimento de outras formas de conhecimento; criatividade e inovação para trabalhar em contextos de limitação de recursos; retroalimentação e orientação em direção a um pensamento próprio latinoamericano.
- Reconhecer os princípios éticos que se orientem pelo respeito à vida e ao meio ambiente.
- Feminizar nossas universidades, permitindo o desdobramento da inteligência, da intuição, da imaginação criadora, do acolhimento, da praticidade, e das relações de respeito entre os seres humanos, dimensões esquecidas por nossas tradições machistas.

Consideramos imprescindível e urgente desenvolver formas de colaboração universitárias orientadas à aprendizagem institucional para:

- Aprender, umas com as outras, a construir grupos acadêmicos que superem os limites disciplinares e dos distintos saberes;
- compartilhar esforços vivenciais e aproximações teóricas para a formação de formadores;
- gerar novos espaços para a incorporação de saberes;
- debater e difundir os enfoques teóricos e metodológicos próprios da América Latina. (O mundo já reconheceu as contribuições substantivas da pedagogia da libertação, da pesquisa-ação participativa, da teologia da libertação, do desenvolvimento à escala humana, da biologia da cognição, da racionalidade ambiental, entre tantas outras; todavia, muitas das universidades latinoamericanas ainda não as incorporaram!).
- promover intercâmbios entre pesquisadores, alunos e funcionários dos diversos programas socioambientais, emergentes e consolidados da América Latina e do Caribe, reforçando os conceitos de identidade, solidariedade e respeito da diversidade.

Acreditamos que é possível implementar programas de colaboração entre nossas universidades que contenham, ao menos, os seguintes objetivos:

- desenvolver um currículo ambientalizado e nutrido na prática social;
- acompanhar criticamente os crescentes conflitos socioambientais em nosso continente, desenvolvendo capacidades para antecipar problemas futuros e difundir as formas de resistência e os aprendizados gerados pelas sociedades em movimento;

- enraizar nossos conhecimentos em uma profunda compreensão de nossa identidade, ancorando-os nos lugares, nos espaços, nos territórios.
- pensar nosso fazer acadêmico para além da tradicional divisão em ensino, pesquisa e extensão;
- comprometer nossos esforços para identificar e dar a conhecer as formas de vida sustentáveis que nos são oferecidas por múltiplas experiências populares e comunitárias, e sobretudo, aquelas legadas por nossos povos originários; e
- combater a privatização e mercantilização do conhecimento, consagrando sua natureza pública e de patrimônio comum da humanidade;
- Afirmar o princípio da universidade pública como direito de todos, contra as pressões privatistas do Banco Mundial e da Organização Mundial do Comércio.

Sonhamos e cre-mos que é possível avançar desde nosso lugar, enquanto universitários, em direção a uma América Latina e Caribe em que a sociedade se “universitarize” porque nossas universidades se comprometeram com suas lutas, seus mitos, seus ritos, seus sonhos, seus saberes ambientais.